

**CARLOS HEITOR CONY EM FOCO: UMA ANÁLISE  
DIALÓGICO-HETERODISCURSIVA DA CRÔNICA  
DO JORNALISMO E DA LITERATURA**

CARLOS HEITOR CONY IN FOCUS: A DIALOGIC-  
HETERODISCURSIVE ANALYSIS OF THE CHRONICLE  
*OF JOURNALISM AND LITERATURE*

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA  
Universidade Federal da Paraíba  
wildersantana92@gmail.com

ALIXANDRA G. R. DE MEDEIROS E OLIVEIRA  
Universidade Federal da Paraíba  
alixandragm@gmail.com

O presente trabalho delimitou como objetivo realizar uma análise dialógico-heterodiscursiva da crônica *Do Jornalismo e da Literatura*, que compõe o livro *101 crônicas* (Publifolha, 2004), de Carlos Heitor Cony. A crônica referida, estruturada em quatro laudas, apresenta e evoca a discussão em torno desses dois grandes horizontes de saber, o jornalismo e a literatura, e de igual modo é observado se eles são ou não complementares, constitutivos. O eixo teórico norteador da nossa pesquisa circunscreve as relações dialógicas e o heterodiscurso. Nesse sentido, buscou-se subsídio teórico na integralização das ideias de Mikhail Bakhtin ([1920-1924] 1993); [1979] 2006), Valentin Volóchinov ([1929] 2017) e Pável Medviédev ([1928] 2016) – membros atuantes do círculo de Bakhtin. Quanto à metodologia da pesquisa, no que concerne à abordagem, esta classifica-se como qualitativa, que se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise. O desenho metodológico se instaura no ato dialógico a partir da interlocução dos enunciados componentes do gênero discursivo.

**Palavras-chave:** crônica, jornalismo, literatura, dialogismo, heterodiscurso

The present paper delimited as objective to carry out a dialogical-heterodiscursive analysis of the chronicle *Of Journalism and Literature*, that compose the book *101 chronicles* (Publifolha, 2004), by Carlos Heitor Cony. The referred chronicle, structured in four pages, presents and evokes the discussion around these two great horizons of knowledge, journalism and literature, and it is observed whether or not they are complementary, constitutive. The guiding theoretical axis of our research circumscribes dialogic relations and heterodiscourse. In this sense, we sought theoretical support in the realization of the

ideas of Mikhail Bakhtin ([1920-1924] 1993); [1979] 2006), Valentin Volóchinov ([1929] 2017) and Pavel Medvédev ([1928] 2016) - acting members from Bakhtin's circle. As for the research methodology, as regards the approach, it is classified as qualitative, characterized by the qualification of the collected data during the analysis. The methodological design is established in the dialogical act from the interlocution of the utterances components of the discursive genre.

**Keywords:** chronicle, journalism, literature, dialogismo, heterodiscourse.

Recibido: 15 enero 2020

Aceptado: 04 marzo 2020

## 1. INTRODUÇÃO

As especificidades dos estudos direcionados a uma estilística não formalista permaneceram suprimidas pela *Poética e pela Retórica*<sup>1</sup> até a segunda metade do século XVIII, momento áureo para os estudos dialógicos, em que começaram a ser tecidas considerações basilares sobre sujeito e linguagem.

Tal percurso de auge do positivismo e cientificismo foi palco de produções textuais-discursivas que estiveram submetidas a análises ideológicas abstratas<sup>2</sup>, e ignorava-se a relação indissociável entre forma, conteúdo e o aspecto social das obras literárias. Nesse sentido, não havia abordagens filosófica nem sociológica dos textos consideradas hoje essenciais para a compreensão da “estilística do gênero” (Bakhtin, 2015: 21), ou seja, imperava o método formal nos estudos literários (Medviédev, [1928] 2016).

Tanto o dialogismo quanto o heterodiscorso são categorias formuladas e mobilizadas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) em diálogo com outros estudiosos do conhecido Círculo de Bakhtin, no panorama de estudos literários do início do século XX, tais como a remissão aos escritos de Dostoievski e Rabelais. A promulgação e utilização de tais categorias em textos literários e ensaios linguísticos constituem uma reação aos estudos formalistas tão prominentes na Rússia após a ascensão de Stálin ao poder, mas que permanecem e se estendem aos estudos contemporâneos em discursividade.

Nesse ínterim de discussões, ao percebermos que os termos bakhtinianos supracitados se aplicam a alguns gêneros discursivos na contemporaneidade brasileira, este trabalho se propôs a realizar uma análise dialógico-heterodiscursiva da crônica *Do Jornalismo e da Literatura*, que compõe o livro *101 crônicas* (Publifolha, 2004), de Carlos Heitor Cony.

<sup>1</sup> Tanto a poética quanto a retórica (termos primordialmente aristotélicos) foram e continuam sendo de imensa importância para estudos em linguagem e meios de comunicação humana, inclusive influenciando estudos na pós-modernidade. Citamos as obras para fundamentar nosso posicionamento de que tal tradição, com sua força, reinou durante tanto tempo que acabou ofuscando outras formas de ser/dizer/expressar.

<sup>2</sup> A esse respeito, Santana (2018: 166-167) afirma que “Alguns grupos, em terreno russo, como a Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOYAZ) propunham um estudo mediante o qual houvesse a distinção entre linguagem prática e linguagem poética”. Integravam esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, “Viktor Chklóvski Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov Tiniánov (1894-1943), Boris (1894-1943), Boris Eikhenbaum Eikhenbaum (1886-1959), Viktor (1886-1959), Viktor Vinográv Vinográv (1895-1969), Viktor (1895-1969), Viktor Jirmúnski Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)” (Grillo 2017: 42).

Dentre os propósitos analíticos seletos está o de averiguar de que forma o autor pessoa cria uma instância criadora, o autor criador<sup>3</sup>, e que dá vida à crônica. Assim, objetivou-se analisar a crônica representativa citada a partir de uma visão dialógica, no ato da avaliação heterodiscursiva. Em mesmas instâncias dialéticas, nosso olhar esteve voltado para além da materialidade linguística, direcionado para o interdiscurso, estabelecido na produção, a partir da correlação com a história.

Carlos Heytor Cony (1926-2018), filho do jornalista Ernesto Cony Filho, além de jornalista, atuou como romancista e cronista, trazendo ricas contribuições à literatura contemporânea brasileira. A partir de 2000, assumiu o cargo de editorialista da *Folha de São Paulo* e ocupou lugar de membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

A crônica *Do Jornalismo e da Literatura*, estruturada em quatro laudas, apresenta e evoca a discussão em torno desses dois grandes horizontes de saber, o jornalismo e a literatura, e de igual modo se eles são ou não complementares, constitutivos.

O eixo teórico norteador da nossa pesquisa circunscreve as relações dialógicas e o heterodiscurso (Bakhtin, [1979] 2006; [1930-1934] 2010a) na fronteira dos discursos ético e estético em um espaço que, de forma específica, irá exigir do(s) seu(s) autor(es) coerência com os pressupostos que estão sendo mobilizados na produção. Ressaltamos também o nosso compromisso ético de fidelidade com o arcabouço teórico-metodológico da teoria. Nesse direcionamento argumentativo, imbuídos dessa proposta, apresentamos o aporte teórico a partir do qual dar-se-ão as reflexões.

Nesse sentido, buscou-se subsídio teórico na integralização das ideias de Mikhail Bakhtin (1920-1924 [1993]), 1979[2006]), Valentin Volóchinov (1929 [2017]) e Pável Medviédev (1928 [2016]) –membros atuantes do círculo de Bakhtin– as quais se propagam na produção dos grupos de pesquisadores brasileiros, dentre eles, Francelino (2013), Guedes (2017) e Santana (2017; 2018). Esta base teórica orientou a discussão e análise na perspectiva da abordagem da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2005), que reinsere no campo das produções filosófico-científicas a teoria formulada por Bakhtin ([1979] 2006; [1930-1934] 2010a) e o Círculo ([1928] 2016; [1929] 2017).

Quanto à metodologia da pesquisa, no que concerne à abordagem, esta classifica-se como qualitativa, que se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise. O desenho metodológico se instaura no ato dialógico a partir da interlocução dos enunciados componentes do gênero discursivo, destacando-se os conflitos autor/crônica, assim como mantém foco na performance estabelecida nas entrelinhas enunciativas.

Em termos estruturais, inicialmente, traçamos uma discussão teórica sobre as categorias *dialogismo* e *heterodiscursividade*, com base nos pressupostos dos teóricos russos membros do círculo de Bakhtin e de alguns pesquisadores em terreno brasileiro. Na seção 3, procuramos realizar breves considerações sobre o Jornalismo Literário e suas significações, uma vez que é a principal temática percorrida na crônica *Do jornalismo e da literatura*. De igual modo, ainda nesse tópico, buscamos discorrer sobre o gênero discursivo crônica. Na seção 4, antes das considerações finais, encontra-se a análise da crônica de Carlos Heitor Cony.

---

<sup>3</sup> O autor-criador também é uma categoria bakhtiniana, utilizada no escopo dos estudos literários, após seus estudos sobre os romances de Dostoiévski.

## 1. DIALOGISMO E HETERODISCURSIVIDADE

Para composição desta seção, além das obras de Bakhtin ([1930-1934] 2010a; [1979] 2006), Valentin Volóchinov ([1929] 2017) e Pável Medviédev ([1928] 2016), recorreremos às seguintes produções: *A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo são Mateus* (Santana & Francelino 2018); *Reflexões acerca das noções bakhtinianas de dialogismo e responsividade e suas contribuições para o ensino* (Guedes 2017) e *Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev* (Santana 2018). Desse modo, passemos às incursões sobre dialogismo e heterodiscursividade.

A natureza dialógica da linguagem, como definição teórica, desempenha papel importantíssimo nas obras de Bakhtin e o Círculo. O dialogismo, na perspectiva dos integrantes do Círculo, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real. Segundo Bakhtin ([1979] 2006), não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (Bakhtin, ([1979] 2006: 410); “Não há palavras nem sentidos absolutamente mortos: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (Bakhtin, ([1979] 2006: 410). É, justamente, a essa possibilidade de renovação que os estudos bakhtinianos denominam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem. Podemos afirmar que esta concepção é chamada de dialógica porque circunscreve que a linguagem (os discursos) e os sujeitos que a mobilizam têm seus sentidos produzidos por um processo de interconstituição e intersubjetividade, permitindo que sejam vivenciadas situações concretas no ativismo da linguagem.

A noção de dialogismo está diretamente ligada à percepção da interação verbal, discutida principalmente por Volóchinov ([1929] 2017), o qual, de acordo com Santana (2018), fundamenta-se na crítica sociológica e apresenta respostas às duas correntes do pensamento filosófico-linguístico hegemônico na época, que foram o *objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista*. A primeira propõe que a língua constitui um conjunto abstrato de signos usados para comunicação; a segunda postula que a língua é realizada em forma de uma enunciação monológica, um ato individual de fala proveniente da consciência individual, dos desejos e intenções do enunciadador.

Particularmente a essa segunda perspectiva é que Volóchinov se opõe, ao potencializar a tese de que a expressão de um conteúdo por um sujeito não se dá apenas no interior de seu pensamento, ao contrário, funda-se na necessidade de um interlocutor, que determina as formas da enunciação dessa expressão (Santana 2018). Faz-se pertinente esclarecer que as categorias “autor pessoa”, “autor criador” e “narrador” são constantes no arcabouço estético bakhtiniano, e não são equipolentes, mas cada uma consiste em um objeto responsivo diferente. Nesse sentido, quando se reporta à noção de sujeito no plano estético-literário, Bakhtin empreende “autor-pessoa” para se referir à pessoa física que escreveu a obra (romance, conto, poesia ou crônica); “autor-criador”, consiste em uma instância criadora que dá vida aos acontecimentos narrativos, enquanto o narrador engendra a voz que é mobilizada (seja em primeira ou terceira pessoas).

Nessas camadas interpretativas, Volóchinov ([1929] 2017: 148-149), na medida em que trata da língua em sua natureza real/viva, atesta que esta não consiste em um sistema abstrato de formas linguísticas (fonéticas, gramaticais e lexicais), antes a compreende a partir desses elementos linguísticos num contexto concreto preciso, numa enunciação específica. Assim, promove as seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativas e idênticas é somente uma abstração científica produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
2. A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva.
3. As leis da formação da língua não são, de modo algum, individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
4. A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra forma de criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma “necessidade livre” ao se tornar consciente e voluntária.
5. A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado como tal existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um *contradictio in adjecto*.

(Volochínov, [1929] 2017: 225)

Nesse sentido, o teórico propõe que a linguagem não é o ato de enunciação proveniente de um único sujeito, mas “[o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (Volóchinov [1929] 2017: 206).

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua

(Volóchinov, [1929] 2017: 229)

Esse conceito de linguagem e língua reconfigura toda uma forma de se conceber o objeto dos estudos da linguagem, uma vez que o aparato teórico que se apresenta não reúne as condições necessárias para uma abordagem coerente e completa das especificidades desse objeto. O Dialogismo, na medida em que pressupõe sujeitos situados social e historicamente, com seus pontos de vista, tons axiológicos, instauram a reflexão em linguística mais complexa, uma vez abarca não apenas elementos inerentes ao sistema da língua, mas sobretudo presta visibilidade aos sujeitos da enunciação e à exterioridade constitutiva da língua, que é constitutiva.

Nesse contexto, os sentidos múltiplos se concretizam no entrecruzamento extraverbal (conteúdo), o qual se singulariza pelo fenômeno ideológico. Nessa linha interpretativa, faz-se imprescindível analisar os apontamentos realizados por Medviédev, para quem

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante

(Medviédev, [1928] 2016: 49-50)

De acordo com Medviédev, é impossível existir ideologia caso haja ruptura entre o processo cultural, o meio sócio-ideológico em que os enunciados são construídos, e o objeto (científico). Enquanto signo, jamais o objeto pode ser compreendido longe de sua realidade sócio-histórica, das vozes que o interpenetram. É nessa direcionalidade argumentativa que Guedes (2017) situa o dialogismo como característica primordial da linguagem, em que os enunciados são “constituídos de ecos que ressoam de uma época para outra” (Guedes 2017: 207). É necessário, porém, atentar para o fato de que todas essas características não implicam “que nossas produções de linguagem se deem num espaço socioverbal pacífico; pelo contrário, muitas vezes, surgem da tensão entre cosmovisões de mundo díspares, contraditórias e muito divergentes” (Santana & Francelino, 2018: 238).

É nessas condições interpretativas que Bakhtin constrói proposições sobre o dialogismo:

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal

(Bakhtin, [1979] 2006: 348)

E esse foi o princípio da interação humana que conduziu Bakhtin a pensar (ativamente) o conceito de dialogismo em contraposição à concepção monológica da enunciação (Santana, 2018). Tais pressupostos, na ótica de Guedes, situam a linguagem via “intersubjetividade em meio à reciprocidade das relações verbais, nas situações concretas da prática linguareira” (Guedes, 2017: 207). Paralelo a esse conceito, vem o de heterodiscurso ou heterodiscursividade, desenvolvido principalmente em meio às características específicas do gênero *Romance*.

No que concerne ao heterodiscurso, é necessário recorrer ao escrito bakhtiniano *Teoria do romance I: A estilística* (Bakhtin 2015), cuja tradução foi realizada por Paulo Bezerra. O heterodiscurso, conforme discorre Bezerra, congrega múltiplas linguagens sociais as quais sedimentam a forma romanesca, sendo assim “uma categoria central em toda a teoria do romance de Bakhtin” (Bezerra, 2015: 12) Nesse delineamento, o conceito representa a compreensão bakhtiniana de mundo como acontecimento alteritário, em que duas consciências, no mínimo, interagem, via processo de (en)formação. O tradutor comenta que

Para Bakhtin, o heterodiscurso é produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social, divergindo aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização.

(Bezerra, 2015: 13)

Desse modo, no que respeita aos domínios ético e estético bakhtinianos, na vida e na arte, a heterodiscursividade engendra inúmeras vozes sociais que atravessam os discursos através da seleção valorativa do autor, do narrador, dos personagens. Essas vozes sociais ou heterodiscurso constituem um feixe de sentidos da obra, tendo em vista o momento histórico de produção, recepção e o meio de circulação de uso da língua. Contudo, tal categoria também pode ser utilizada em gêneros secundários, tais como o conto, a crônica, fábulas. Na ótica de Santana,

Os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração. Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação)

(Santana, 2017: 238)

No caso do gênero crônica, o autor-criador, ou a voz que está presente na crônica, manipula a linguagem, inserindo nela estilizações, acentos apreciativos, em favor de suas intenções axiológicas, mobilizando conceitos através de personagens e construindo uma linguagem heterodiscursiva. Nesse direcionamento argumentativo,

O heterodiscurso consiste na ampliação e no aprofundamento dos enunciados para além da estrutura e da funcionalidade. Seu acontecimento pleno se dá na concretude do dialogismo, em que as construções enunciativas são situadas historicamente, revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão significação e sentido(s).

(Santana, 2017: 239)

A presença do heterodiscurso, o qual fecunda vozes latentes, complementares ou divergentes, consiste sempre em um recurso utilizado pelo autor para criar a natureza dialógica ou a dialogicidade interna do gênero, que, conforme Bezerra, atua “em conjunto com a dissonância individual como produto da subjetividade criadora”. (Bezerra, 2015: 13). Ao analisarmos a crônica *Do Jornalismo e da Literatura*, não serão averiguados apenas seus aspectos morfossintáticos ou semântico-pragmáticos, mas também os heterodiscursos presentes em sua construção dialógica. “Isso significa que o heterodiscurso consiste em recuperar o(s) discurso(s) outro(s) que se faz(em) presente(s) neste discurso, que o(s) atravessa(m), aqui e agora” (Santana, 2017: 238).

Em outras, na crônica analisada, é a situação real comunicativa de interação que determinará o aspecto e o sentido de todas as palavras direcionadas, dirigidas, reenunciadas.

Para Brait & Melo,

[...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante [...]

(Brait & Melo, 2010: 67).

Com isso, tendo em vista as informações discorridas na introdução, este trabalho, que tem por propósito realizar uma análise dialógico-heterodiscursiva da crônica *Do Jornalismo e da Literatura*, pretende trabalhar com as temáticas do dialogismo e do heterodiscurso, ao observar como os diversos enunciados proferidos pelo autor-criador são revestidos de estratégias linguístico-enunciativas para o alcance dos efeitos de sentido, como é o caso do gênero crônica. A investigação que pretendemos realizar a respeito do gênero discursivo crônica se enquadra no âmbito das pesquisas em Ciências Humanas<sup>4</sup>, em paradigma enunciativo-discursivo.

### 3. O JORNALISMO LITERÁRIO E SUAS SIGNIFICAÇÕES

Diversas abordagens circundam a esfera jornalística e seus meios de produção, estando algumas vinculadas ao imanentismo produtivo científico, ou seja, não admitem a interferência da literatura na composição de suas notícias, entrevistas, e/ou divulgações técnicas. Por outro lado –este bem mais recente– há o jornalismo designado de literário, ou seja uma modalidade discursiva que não apenas emprega técnicas de apuração, edição e captação inerentes ao jornalismo convencional, mas sobretudo as utiliza nos recursos estilísticos disponíveis, tais como narração, diálogo e detalhamento descritivo imagético, cena a cena, como elementos próprios da esfera literária.

Em uma perspectiva bakhtiniana, podemos classificar o Jornalismo Literário como um gênero secundário, uma vez que se segmenta do Jornalismo tradicional, campo ao qual pertence. É nesse sentido que, na ótica de Fiorin (2006), todo e qualquer discurso já é em si embebido de outros discursos, com o qual dialoga, e pelos quais é refletido e refratado. Segundo Madeira (2005), atualmente a crônica é compreendida como gênero literário cujas raízes estão no ramo jornalista, vez que foi configurada nas tramas do desenvolvimento da imprensa no Brasil.

Embora tanto o Jornalismo Tradicional quanto o Literário possuam como fundamento basilar o propósito de informar, é necessário atentar para suas especificidades, pois, segundo Lima, o Jornalismo Literário “procura transcender o nível importante –mas meramente informativo– de uma boa parte da produção jornalística, para alçar voos de maior ambição” (Lima, 2014: 10). O Jornalismo Literário, portanto, na medida em que vivifica e enriquece o

---

<sup>4</sup> Bakhtin, entre as décadas de 30 e 40 do século XX, versa sobre a temática das Ciências Humanas, sob a denominação *Metodologia das Ciências Humanas*. O filósofo russo (a)firmou o território das Ciências Humanas como uma potente esfera em base discursivo-dialógica – a qual permite que sejam credibilizados sujeitos falantes. Para Bakhtin, “o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (Bakhtin [1979] 2006: 400). Em sua visão, o “objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (Bakhtin, [1979] 2006: 395).



caráter imanentista da normatividade imediata, seduz o leitor com seus elementos extra-mecânicos. Desse modo, Castro procura sintetizar como a crítica literária contemporânea o compreende:

O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjunção de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingues-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso

(Castro, 2010: 5)

Castro singulariza a noção de jornalismo literário, pois suas características exclusivas potencializam seu aspecto de gênero discursivo. Não se trata meramente de uma ramificação de um gênero maior, mas de um evento enunciativo que abriga características e dizeres próprios. Enquanto, para Lima (2014: 17), o Jornalismo Literário “trabalha um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos –técnicas de como contar as histórias–, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção” Castro afirma (2010: 9): “Jornalismo Literário, a nosso ver, portanto, é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política, etc”<sup>5</sup>.

É nessa direcionalidade axiológica que compreendemos o campo Jornalismo Literário como uma espaço-temporalidade discursiva em que o caráter narrativo é predominante nesse domínio. Pena (2006), jornalista e escritor brasileiro, realiza uma série de estudos sobre as significações dessa expressão na esfera jornalística:

O termo Jornalismo Literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado. Na Espanha, por exemplo, está dividido em dois gêneros específicos: *periodismo de creación* e *periodismo informativo de creación*. O primeiro está vinculado a textos exclusivamente literários, apenas veiculados em jornais. Já o segundo une a finalidade informativa com uma estética narrativa apurada. O problema é que parte do pressuposto de que o texto exclusivamente informativo não tem uma narrativa trabalhada

(Pena, 2006: 20)

Desde seu surgimento, a expressão veio adquirindo novas significações em cada esfera sociocultural em que é produzida. É nesse prisma semântico-dialógico-discursivo que Puzzo, ao averiguar certa flutuação entre gêneros nas esferas jornalística e literária, discorre:

<sup>5</sup> Chamamos aqui atenção para o fato de que o gênero Jornalismo Literário não abre espaço para que o autor-criador mobilize valorações subjetivas que desnortiem um determinado acontecimento ou argumento. O Jornalismo Literário não é nem pretende ser “um discurso unificador ou revolucionário que vise implodir um estilo consolidado para edificar outro no lugar” (Castro 2010: 5). Enquanto nova esfera discursiva, busca atingir seu público nas fronteiras entre o ético e o estético.

Os textos que circulam nas diversas esferas de comunicação social têm demonstrado uma variedade muito rica de modelos genéricos desdobrando-se em enunciados cada vez mais originais e de difícil classificação do ponto de vista dos gêneros, confirmando a teoria bakhtiniana de que os gêneros se transformam e se multiplicam na medida das necessidades de comunicação nas diversas esferas de produção, circulação e recepção

(Puzzo, 2009, s/p)

As asserções da estudiosa reacentuam os dizeres bakhtinianos sobre os gêneros do discurso, os quais. Segundo o filósofo russo, constituem tipos relativamente estáveis de enunciados (Bakhtin, [1979] 2006). Com o intuito de corroborar essa linha teórica, destacamos, como nosso interesse de pesquisa, o gênero discursivo *crônica*.

Em aspecto histórico-social, Schneider (2008) registra que a crônica –cuja palavra originária do grego *chronikós* faz menção ao tempo *chrónos*– surge e cria concretude a partir da criação do folhetim, o qual, por sua vez, servia de espaço para publicação de romances, em múltiplas possibilidades de manifestações. Quanto ao seu horizonte cronotópico, a crônica surgiu em meio ao desenvolvimento da imprensa no Brasil, em meados do século XIX e isso explica seu correlacionamento às ambiências jornalística e literária. Ainda sob as lentes de Schneider,

De uma feição ligada especificamente ao gênero histórico –onde os cronistas, principalmente medievais, relatavam os grandes feitos dos heróis ou dos príncipes– à relação com a literatura e o jornalismo ao longo do século XIX, a crônica fixa-se no Brasil e aqui assume uma conotação de gênero caracteristicamente brasileiro

(Schneider, 2008: 3)

Com relação às condições de produção em que se principiou esse gênero discursivo, em âmbito jornalístico, a crônica preserva marcas desse suporte. Na agenda argumentativa de Melo (2002), a crônica se situa na fronteira da informação jornalística e da narração literária, e isso a instaura como um “relato poético do real” (Melo, 2002: 147). Conforme Ritter,

Na crônica, o tom humorístico, irônico e desprezioso do autor funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom autorizado) e da sua atitude valorativa. Como sabemos, atrás da ironia existe um jogo político e ideológico onde se permite que as críticas sociais, as depreciações, as difamações sejam feitas sem causar muita tensão entre os interlocutores. Assim, podemos considerar que a finalidade discursiva se orienta para a reflexão do interlocutor, via provocação do riso

(Ritter, 2009: 14)

Enquanto o conteúdo temático, o gênero crônica trata de assuntos plurais, geralmente fatos vivenciados pelo autor, os quais nunca são repassados da forma idêntica como aconteceram, mas com sua realidade refletida e refratada. Na perspectiva de Sá,

a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases

frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado

(Sá, 2002: 11)

O cronista, enquanto sujeito responsivo ativo, o qual se responsabiliza pelo ato criacional e pelos elementos narrativos e argumentativos, penas o faz de modo subjetivo, esteticamente com elementos variados, deste humorísticos, a pitorescos, com teor poético ou mais sério, a depender das circunstâncias enunciativas.

#### 4. ANÁLISE DA CRÔNICA *DO JORNALISMO E DA LITERATURA*

A crônica *Do Jornalismo e da Literatura*, datada de 06.12.2002, inicia com o autor-criador contando uma situação em que os alunos do curso de comunicação pediram-lhe uma definição de jornalismo literário e, em complemento, o papel da crônica nesse tipo de jornalismo. Embora o narrador não se considere a pessoa indicada para falar sobre o tema, afirma que irá tentar dar uma resposta coletiva<sup>6</sup> ao que o pedem, ainda que não tenha, segundo o mesmo, autoridade (nenhuma) sobre o assunto (Cony, 2004).

Para definir, então, Jornalismo Literário, o narrador, delimitando-o como substantivo, o compara a um jornal, que afirma ser um periódico, uma coisa feita de período em período. Para fortalecer sua ideia, recorre a Franz Kafka:

[...] Franz Kafka, que nunca foi realmente um jornalista, tem a imagem mais perfeita que conheço sobre o assunto. Ele compara um jornal a um trem que sai todo dia, num determinado horário, vazio ou cheio, de determinada plataforma, para chegar a outra. Se estiver lotado, tudo bem. Se estiver com lugares, vazios, dará prejuízo, porque cada lugar sem passageiro não poderá ser reciclado, usado uma segunda vez.

(Cony, 2004: 294)

Continua o autor-criador a afirmar, baseado em Kafka, que o jornal é como um trem, com a diferença básica de que o jornal não pode ser vazio de assunto. “Deve ocupar todas as suas páginas, seja com anúncios, ilustrações ou textos paralelos, desvinculados de sua função natural, que é a notícia, a informação, o serviço da comunicação propriamente dito” (Cony, 2004: 294). Interessante notar que, para construir seu discurso, o narrador recorre inicialmente a outra voz: a de Franz Kafka, que o atravessa com seus dizeres.

Afirma, então, Medviédev, que, caso não seja considerada a realidade histórica do enunciado nem suas correlações com outros enunciados, este nunca será completo enquanto se direcionar a si mesmo. Nesse prisma, a avaliação social conduz para além dos limites do enunciado para outra realidade. A presença da palavra consiste em um apêndice de outra presença, e no campo do conhecimento do *ethos*, a avaliação social se configura como um preparo da ação. “Ela escolhe o objeto para o qual será orientado o ato ou o conhecimento”

---

<sup>6</sup> Essa resposta coletiva consiste em uma explicação que seja comum a todo o auditório social (Medviédev 2016 [1928]), ou seja, uma réplica que consiga alcançar as dúvidas e o anseio daquele público ouvinte.

(Medviédev, [1928] 2016: 190). No tocante ao jornalismo literário, afirma Cony, enquanto autor-criador, que a literatura se opõe ao tempo, procura ser intemporal, sem vínculo com a data, inclusive chega a dizer que não há nada mais frustrante que a literatura datada. Na crônica, discorre que, antes da existência dos jornais, a comunicação era feita por arautos ou por camadas de fumaça. Recorre a isso para justificar que o caráter informativo, nessas instâncias de produção, não corria o risco de ser confundido com a literatura, e que, após a codificação dos sinais é que foi inevitável certa aproximação dos veículos informativos com a literatura. Continua, então, o narrador (autor-criador):

Comprometido com a notícia, com o fato do dia, o jornal abriu espaços para a comercialização, que o sustenta industrialmente, e para os passageiros robotizados que podem ocupar os lugares vazios de cada edição. Surgiram então as colunas, os potins, os faits divers, as charges e naturalmente, as crônicas, que são a expressão mais visível do jornalismo dito literário. Daí que os cronistas, mesmo os bem-sucedidos, são vistos como subprodutos, autores de circunstância que, mais cedo ou mais tarde, ficarão datados

(Cony, 2004: 295)

Perceba-se que os posicionamentos axiológicos assumidos pelo autor-pessoa, representados pela voz do autor-criador (instância enunciativa) configuram uma defesa de que não há jornalismo literário. Na ótica deste, ambas são modalidades diferentes de dizer, e se coloca a favor do jornalismo tradicional, esta esfera que não necessita de elementos artísticos.

Tais assertivas, por parte de Carlos Heitor Cony, são de perspectiva contrária às pressuposições dialógico-heterodiscursivas que defendemos e que nos serve de subsídio, uma vez que, respaldados na teoria dialógica do discurso, testificamos de que existe o Jornalismo Literário, este configurando-se como um evento único, um gênero discursivo singular, com características próprias. O clímax da crítica ferrenha à literatura enquanto elemento “prejudicial” ao jornalismo está presente no desfecho da crônica. O autor-pessoa expõe, por meio do autor-criador, duras críticas à inserção da Literatura no âmbito jornalístico, o que “enfraqueceria” o viés tecnicista (sublime) do Jornal.

Resumindo a ópera: PODE-SE CONCLUIR QUE NÃO HÁ JORNALISMO LITERÁRIO. Há o jornalismo e há a literatura. Funcionam por meio de sinais ou símbolos, que são as palavras compostas por letras, mas nem todas as letras formam necessariamente aquilo que se compreende por literatura.

Há jornalistas que dominam a técnica e a composição do texto. MAS SÃO ELES, EXATAMENTE, QUE SE TORNAM CADA VEZ MELHORES À MEDIDA QUE DEIXAM DE SER LITERÁRIOS.

(Cony, 2004: 295-296, grifos nossos)

Diante do enunciado supranarrado, faz-se necessário problematizar a afirmativa da inexistência do Jornalismo Literário (assim como a enunciação de que quanto menos literários forem, melhores jornalistas serão os sujeitos que trabalham no jornal). Nesse sentido, ancoramos nos dizeres de Coutinho, que, ao empreender uma discussão sobre a construção a crônica, afirma que esta será mais literária na medida em que “fugir às exigências do espírito de reportagem, atingindo o melhor de sua realização formal” (Coutinho, 1994: 134). Desse modo, para o crítico literário, não há uma polaridade ou um ato contrastivo entre a literatura e o

jornalismo, mas estes se fundem no texto, prestando “um teor autônomo pela força da personalidade do escritor refletida em seu estilo e em suas ideias” (Coutinho, 1994: 134). Na ótica de Candido, “há crônicas que são diálogos” quando propõem uma interrelação entre escritor e leitor; de igual modo, há outras que “parecem marchar rumo ao conto, à narrativa mais espaiada com certa estrutura de ficção” (Candido, 1992: 21).

Em perspectiva bakhtiniana, é preciso mencionar a existência de fronteiras entre domínios textuais e discursivos (Bakhtin, 1920-1924 [2010]). Textos e discursos vivem, por essência, sobre fronteiras, e nisso reside sua seriedade e importância. Sem os sentidos que se dão nas fronteiras, os textos perdem terreno e significação, tornam-se vazios, pretensiosos, degeneram e morrem (Bakhtin, 1920-1924 [2010]). Cony, enquanto autor-pessoa, recorre a aspectos da literatura (personagens, vozes, narração, discursos) para a composição de sua crônica, ou seja, se insere na mediação entre “fronteiras como espaço sócio-axiológico” (Santana, 2019: 76). Na ótica deste pesquisador,

o texto, em perspectiva bakhtiniana, será sempre composto de dois polos, e é unicamente nas fronteiras (diálogos) entre todos os elementos componentes (os quais são necessários) que ocorre a compreensão da arquitetônica do enunciado.

(Santana, 2019: 79)

Ancorados nos dizeres bakhtinianos sobre a linguagem e o sujeito, podemos afirmar que, em uma perspectiva dialógico-heterodiscursiva, a todo o instante o narrador recorre a outras vozes, tanto ao seu auditório imediato, que são os alunos do curso de comunicação, quanto o auditório reportado, os quais podem ser citados: *Franz Kafka, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e Guimarães Rosa*, autores consagrados na Literatura. Atesta Cony que, por exemplo, no jornal havia saído, inicialmente, *O Guarani, de José de Alencar* (Cony: 2004). Reporta-se o autor a *Manuel Antônio de Almeida* para reconhecer uma ligação entre textos literários e os jornais, em seu início:

Contudo não podemos ignorar que foi nos jornais, aqui e em outros países, que, para ocupar lugares vazios, os editores procuravam os autores de textos exclusivamente literários, sem compromisso com período, com a data. Em jornal, Manuel Antônio de Almeida publicou as *Memórias de um Sargento de Milícias*.

(Cony 2004: 295, grifos do autor)

As explanações realizadas por Cony nos convocam a operar deslocamentos semânticos desde uma concepção etimológica (do grego *khronos* = tempo), ou seja, a crônica como conjunto de relatos de acontecimentos sob vestígios cronológicos até seu aparecimento sob moldes social e histórico (Coutinho, 2008). O crítico literário traça esses deslocamentos, desde o nível da significação até ter se inserido nos jornais do século XIX, assumindo novas características, materializadas no ato da escrita a um público no espaço do folhetim. Foi nessas instâncias enunciativo-ideológicas que a crônica se corporificou enquanto gênero híbrido (Bakhtin, 1979 [2006]; Coutinho 2008]), o qual abarcava, também, escrituras hegemonicamente literárias.

Nesse sentido, todo e qualquer discurso promove uma reacentuação de outros discursos, que já se reportaram a um objeto, enunciados de apreciação, o diálogo ininterrupto de

consciências (sob consciências). “[...] o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presenteia e baseia-se nela” (Bakhtin, 2015: 88).

Corroborando a assertiva áurea de que um texto sempre dialoga com outro texto, compreendemos que há Jornalismo Literário, e que ambas as áreas do saber interagem uma com a outra, interdiscursivamente, uma enriquece a outra, apresentando novos horizontes ideológicos na produção efeitos de sentidos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As asserções empreendidas nesse capítulo foram norteadas pelas perspectivas dialógico-heterodiscursiva e sociológica preconizadas por Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, teóricos russos que se posicionaram contra o método formal tanto na Rússia quanto em parte da Europa na primeira metade do século XX.

A forma como Carlos Heitor Cony apresenta, em sua crônica, a compreensão de Jornalismo e de Literatura nos impulsionou a problematizar esses domínios fronteiriços em terrenos discursivo e literário (Candido 1992; Coutinho 1994), e assim perceber que há fronteiras no processo de constituição do texto, cujas aproximações de uma esfera jornalística ou literária depende também das asserções do autor. Foi possível, em nossas análises, averiguar o modo de apresentação do Jornalismo literário, assim como níveis de distanciamento de esferas mais objetivas (formais) ou mais subjetivas.

Quanto aos enunciados que se distribuem na crônica, foi-nos necessário realizar um diagnóstico dos heterodiscursos que a atravessam, ou seja, foi preciso relacionar as vozes discorridas, umas com as outras, discursivamente. Bakhtin esteve empenhado em produzir, como temática central, estudos que convoquem sujeitos a se responsabilizarem pelos seus outros, assim como seus objetos de pesquisa, avaliando-se as múltiplas materialidades mobilizadas na produção de sentidos.

Essa postura teórica não compõe apenas unidades latentes, mas também ressalta a imprescindibilidade de elo(s) na comunicação discursiva, vez que esta é orientada pelos elementos que a antecedem, e por os outros que são convocados em fluxo contínuo. Defendemos, portanto, nesse trabalho, a importância de estudos comprometidos com o interdiscurso, ou seja, o reconhecimento de que os gêneros literários ou discursivos não completam a si mesmos, mas são atravessados constantemente por outros discursos, os quais o constituem. Essa é a movência semântico-dialética concretizada histórica, social e culturalmente.

A pesquisa assinalou como um dos resultados fundamentais o fato de que as relações dialógicas e heterodiscursivas, classificadas como esferas enunciativo-discursivas do sujeito, são essenciais para a compreensão de que o Jornalismo literário se constitui como um gênero do discurso, o qual possui características próprias e sua singularidade, configurada enquanto evento único.

Nesse ínterim de (des)continuidades, esperamos que esta proposta possa constituir respostas para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outras análises que estão imersas no *vir-a-ser*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, Mikhail. [1979] 2006. Metodologia das ciências humanas, em Mikhail Bakhtin, *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes: 393-410.
- Bakhtin, Mikhail. [1979] 2006. Os gêneros do discurso, em Mikhail Bakhtin, *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes: 261-306.
- Bakhtin, Mikhail. 2015. *Teoria do romance I: A estilística*. 1ª ed, São Paulo, Editora 34.
- Bakhtin, Mikhail. [1930-1934] 2010a. *Questões de literatura e de estética, a teoria do romance*. 6ª. ed., Editora Hucitec, São Paulo. Trad. Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade.
- Bakhtin, Mikhail. [1920-1924] 2010b. *Para uma filosofia do Ato responsável*. 2ª. ed., São Carlos, Pedro e João. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco.
- Bezerra, Paulo. 2015. Prefácio, em Mikhail Bakhtin, *Teoria do romance I: A estilística*. 1ª ed. São Paulo, Editora 34: 7-14.
- Brait, Beth e Rosineide de Melo. 2010. Enunciado/enunciado concreto/enunciação, in Beth Brait (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*, 4ª. ed, 3ª. Impressão, São Paulo, Contexto: 61-78.
- Castro, Gustavo de. 2010. *Jornalismo literário*, Brasília, Casa das Musas.
- Candido, Antonio. 1992. A vida ao rés-do-chão, in Candido, Antonio (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, São Paulo, Editora da UNICAMP: 13-22.
- Cony, Carlos Heitor. 2004. *O tudo e o nada (101 crônicas)*, São Paulo, Publifolha.
- Coutinho, Afrânio. 1994. Ensaio e crônica, in Afrânio Coutinho (dir.); e Eduardo de Faria Coutinho (codir.), *A literatura no Brasil*, vol. 6, São Paulo, Global: 117-143.
- Coutinho, Afrânio. 2008. *Notas de Teoria Literária*, Rio de Janeiro, Vozes.
- Fiorin, José Luís. 2006. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, São Paulo, Ática.
- Grillo, Sheila Vieira de Camargo. 2004. *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas.
- Grillo, Sheila Vieira de Camargo. [1929] 2017. Ensaio introdutório, in Valentin Volochínov (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem, problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1ª.ed, São Paulo, Editora 34: 7-79.
- Guedes, Alixandra. 2017. Reflexões acerca das noções bakhtinianas de dialogismo e responsividade e suas contribuições para o ensino, in Fabíola Silva et al. (orgs.) *Relações dialógicas em campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino*, João Pessoa, Ideia: 205-226.
- Lima, Edvaldo Pereira. 2014. *Jornalismo literário para principiantes*, São Paulo, EdUSP.
- Madeira, Ana Maria Gini. 2005. *Da produção à recepção: uma análise discursiva das crônicas de Luís Fernando Veríssimo*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação Mestrado em Estudos Linguísticos, 106 f., publicada
- Medviédév, Pável Nicholaievich. [1928] 2016. *O Método Formal nos estudos literários, introdução a uma poética sociológica*, São Paulo, Contexto. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.
- Melo, José Marques. 2002. A Crônica, em G. de Castro e A. Galeno. (Orgs.), *Jornalismo e literatura, a sedução da palavra*, São Paulo, Escrituras: 139-154.
- Pena, Felipe. 2006. *Jornalismo literário*, São Paulo, Contexto.
- Puzzo, Miriam Bauab. 2009. Gêneros Discursivos: configuração e flutuação, em *Anais do V SIGET*, Caxias do Sul, Ago. Disponível em [https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/generos\\_discursivos\\_configuracoes\\_e\\_flutuacao.pdf](https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/generos_discursivos_configuracoes_e_flutuacao.pdf). Acesso em 09 novembro 2018.
- Ritter, Lillian Cristina Buzato. 2009. *Gênero discursivo crônica, um estudo do contexto de produção*, em *Anais do V SIGET*, Caxias do Sul: 1-17. Disponível em: [http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos\\_autor/arquivos/genero\\_discursivo\\_cronica\\_um\\_estudo\\_do\\_contexto\\_de\\_producao.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/genero_discursivo_cronica_um_estudo_do_contexto_de_producao.pdf). Acesso em: 09 de novembro de 2018.
- Sá, Jorge de. 2002. *A crônica*, São Paulo, Ática.
- Santana, Wilder Kleber Fernandes de. 2017. Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos, em *Simpósio Nacional de Literatura Popular (SINALP)*, Joao Pessoa, Ideia: 6-24.
- Santana, Wilder Kleber Fernandes de. 2018. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédév, em *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 1, n. 45: 75-90.

- Santana, Wilder Kleber Fernandes de. 2019. As fronteiras como espaço sócio-axiológico, em Wilder Kleber Fernandes de Santana, *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas, sobre linguagem e enunciação*. João Pessoa, Ideia: 76-83.
- Santana, Wilder Kleber Fernandes de e Pedro Farias Francelino. 2018. A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo são Mateus, em *Revista da Anpoll*, v. 1, nº 45, Florianópolis: 233-247.
- Schneider, Claercio Ivan. 2008. *Crônica jornalística, um espelho para a história do cotidiano?* Disponível em: [http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos/cronica\\_jornalistica.pdf](http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos/cronica_jornalistica.pdf). Acesso em: 09 de dezembro de 2018.
- Volochinov, Valentin (Círculo de Bakhtin). [1929] 2017. *Marxismo e filosofia da linguagem, problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1ª. ed., São Paulo, Editora 34. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.